

Autismo: O processo do significado como conceito central

Edgar de Gonçalves Pereira*

Resumo

Este artigo fornece uma visão compreensiva sobre o conceito de autismo e sugere a possibilidade de um melhor entendimento do mesmo usando o construto de "operantes semânticos"; o leque dos comportamentos difíceis das pessoas com autismo podem a partir daí ser melhor entendidos como "comunicação" com uma organização disfuncional do significado dos estímulos.

O objectivo fundamental do artigo é compreender na sua essência o "mundo do autismo", encorajando os educadores e pais a procurarem ajuda tão cedo quanto possível para se atingir um melhor prognóstico.

I

O Autismo ou Síndrome de Kanner, apesar de se estabelecer precocemente, com muita dificuldade é identificado nos primeiros meses, já

que apenas se pode discriminar a partir das expressões comportamentais das crianças afectadas, confundindo-se com facilidade com outras perturbações do desenvolvimento graves, enquadradas elas próprias nas *Perturbações Globais do Desenvolvimento*, grupo onde está incluído. Enquanto síndrome, é hoje passível de ser diagnosticado nas pessoas afectadas com alguma segurança, por volta dos quatro anos de idade (Waterhouse L, Wing L, Spitzer R, Siegel B, 1992), embora não haja ainda o consenso desejável entre clínicos e investigadores quanto aos aspectos que mais rigorosamente definiriam o síndrome, variando muito as interpretações.

Desde Leo Kanner (1943), altura em que este apresentou à comunidade científica internacional uma descrição dos padrões típicos mais manifestos, designando-o por *Perturbação Autista do Contacto Afectivo*, o autismo é essencialmente caracterizado por:

* Psicólogo Clínico – Professor Auxiliar da Universidade Lusófona de Humanidades; Director Pedagógico da Associação Portuguesa para Protecção dos Deficientes Autistas (Lisboa).

Impedimentos Acentuados nos
Comportamentos Não-Verbais de
Estabelecimento e de Manutenção da
Troca Social

Impedimentos Acentuados na
Qualidade da Comunicação Verbal e
Não-Verbal

Padrões de Comportamentos e
Interesses Repetitivos e Restritos

Estes grupos de comportamentos têm de estar presentes até aos trinta e seis meses de idade para que possa ser considerado o diagnóstico clínico, e embora se vão verificando alterações, os núcleos centrais da perturbação acompanham o indivíduo ao longo do processo-vida, evoluindo em termos adaptativos, em função de quatro factores principais, dos quais se destacam, a gravidade ou grau diferenciado da afectação, um despiste precoce, a possibilidade de se contrapor uma intervenção adequada, onde o tipo de terapia é, portanto, essencial, e uma coordenação de meios eficaz.

O autismo parece ocorrer em todas as raças, grupos étnicos e sociais, havendo contudo uma maior incidência na população masculina do que na feminina, na proporção aproximada de 3 para 1, respectivamente.

Desconhece-se o número exacto de incidência de casos em termos epidemiológicos, embora, dependendo dos critérios diagnósticos usados que poderão ser mais ou menos exigentes,

ou seja, que admitem crianças do por vezes designado "Espectro autista" e aquelas com o Síndrome de Kanner na sua forma "clássica", se admitam valores que oscilam entre os 2 a 20 casos em cada dez mil nascimentos (Wing, 1988).

Outrora visto como resultando de uma "perturbação emocional" (Bettelheim, 1967) causada por uma troca sócio-relacional, pouco ou ineficazmente investida pelos adultos que nutrem psicoafectivamente a criança, em especial as mães, têm sido desde então variados os ramos das psicopatologias, psicológica e médica, que se vêm confrontando com o desencanto, quer destas interpretações iniciais etiológicas do autismo, quer das respectivas práticas de intervenção e subjacentes concepções que se propuseram.

Esta situação tem levado a uma procura sistemática de dois grupos de factores etiológicos da perturbação; por um lado aqueles que sendo de natureza biológica, causariam uma disfunção e conduziriam a um qualquer déficite cognitivo; por outro lado, que tipo de déficite se tornaria responsável pelo processo alterado de aprendizagem, ou seja, pelo processo de desenvolvimento psico-social, e que levaria aos comportamentos típicos destas pessoas, tal como os conhecemos.

Apesar dos esforços conduzidos até hoje, são ainda modestos os avanços sobre os factores causais biológicos, sejam genéticos, metabólicos, endocrinológicos (opiáceos; serotonina, etc.) virais ou outros. À parte os

genéticos e virais, em muitos dos restantes sempre restará a dúvida sobre se serão, não a causa, mas a consequência secundária de um processo maturacional bio-psico-social inadequado. Dir-se-á mesmo que, por força desta insuficiência de dados conclusivos, apesar da proliferação dos mesmos nas diversas áreas biológicas, a comunidade científica internacional, sobretudo nas ciências psicológicas do comportamento humano, tem sentido uma necessidade mais consistente de apoiar a biologia para esta ser melhor guiada e mais dirigida aos aspectos tipicamente em déficit nas pessoas com o Síndrome de Kanner.

Por esta razão, nos últimos decénios têm sobressaído dois eixos paradigmáticos de pesquisa psicológica: O Modelo Comportamental-Operante de Bijou e Baer (1961) e o Modelo de Processamento de Informação de Hermelin (1976), desenvolvendo-se ambos com dois objectivos básicos:

- 1 - Possibilitar um cada vez maior conhecimento da fenomenologia da pessoa com autismo e,
- 2 - Fornecer à investigação médica as pistas necessárias para que os procedimentos de procura nesses domínios se vão estabelecendo com base nos elementos patognomónicos progressivamente detectados.

Pressupõe-se que desse modo, com os resultados do cruzamento destes dois paradigmas, a investigação centrada sobre o síndrome decorrerá mais rapidamente, tornando a procura biológica mais focalizada, e por isso mais exacta.

A partir destes eixos de raciocínio, este síndrome tem, desde há cerca de trinta anos, encontrado explicações alternativas, mais ou menos específicas e mais ou menos complexas, das quais destaco em particular, as de Hermelin & O' Connor, 1970; Lovaas, Schreibman, Koegel & Rehm, 1971; Leslie & Frith, 1988; Frith, 1989; Hobson, 1989; Baron-Cohen, 1994; etc.). De uma procura de causas, no início dos anos quarenta, com ênfase nos traumas psico-sociais, tem-se assim transitado, lenta e progressivamente, para o despiste de défices sensorio-perceptivo-motores, linguísticos e, nos últimos anos, défices específicos de natureza cognitiva e metacognitiva.

Fruto de teorizações assentes, cada vez mais em variáveis melhor operacionalizadas (Pereira, 1990), têm-se conseguido concluir disfuncionamentos cognitivos de interesse heurístico muito forte. São exemplo sobretudo os que se relacionam com o que se designa por "*sobreselectividade*" (Lovaas et al, 1979), apesar de provada como não exclusiva das pessoas com autismo; a "*Tomm*" (Theory of Mind Mechanism) (Leslie & Frith, 1988) com elementos que também não se confirmaram totalmente em algumas pessoas com autismo; a "*coerência central*" (Frith, 1989) e o "*Sam*" (Shared Attention Mechanism) (Baron-Cohen S, 1994).

Ao tomar-se em conta a essência dos seus pressupostos e corolários explicativos, foi possível relacionar estes conjuntos teóricos e muitos outros, com a noção central de "*significação não-verbal*", e foi exactamente no

desenlace dos elementos constituintes de um desses processos de aquisição de significação que se vem perspectivando a hipótese de que, um déficit mediacional, portanto, cognitivo, de organização do significado não-verbal, ou seja, uma "*falha de produção de operantes semânticos não-verbais*", poderia ser um dos disfuncionamentos centrais e mais marcantes neste síndrome (Pereira, 1999).

Sabendo-se que o desenvolvimento do significado, e os seus diferenciados níveis, *referencial, conceptual (ou denotativo) e de sentido* (Nelson, 1985) (vide figura 1), relevam da progressiva complexificação das experiências numa dialéctica imparável de relações com os meios externos e internos que o organismo vivencia, a ser real esta falha, torna-se possível supôr as dificuldades constantes em que o sujeito com autismo viveria, desde o nível das operações (construções) das primeiras organizações ou operantes semânticos, ainda que dependendo dos tipos, graus, ou fases diferentes de estabelecimento das suas patologias, podendo por isso cada pessoa aceder a níveis diferenciados de adaptação ao meio, mesmo que disfuncionais, como são os casos das pessoas com autismo de nível de funcionamento elevado ou as que têm profundos atrasos mentais.

Como matéria teórico/prática para investigação e aprofundamento do comportamento humano, o comportamentalismo surge por direito próprio, dentro da psicologia, como o conjunto de conhecimentos que mais ênfase tem colocado na procura



Fig. 1 - Níveis de desenvolvimento do significado (Nelson, 1985)

e na defesa dos factores ambientais (ou variáveis) com influência directa e determinante sobre o comportamento humano. Nesta área como em outras, vem pretender considerar o significado dos estímulos, verbais ou não, como compreensível e explicável em termos de relações entre os comportamentos que se desenvolvem especificamente para que tais estímulos adquiram significado, e os referidos factores dos meios externo e interno do organismo.

Desejando evitar o uso de constructos inoperacionalizáveis, ou dificilmente operacionalizáveis por tão abstractos serem, reafirma continuamente que só desse modo se providencia uma menor probabilidade de erro interpretativo sobre o comportamento e as razões que o estabelecem.

No que respeita então à aquisição de significação de um dado estímulo, adoptou-se já, para efeitos de investigação com pessoas com autismo, uma descrição de processo interaccional que implica a relação entre um *estímulo*/um *referente* e um con-

junto de *comportamentos* que passam a acontecer segundo certas relações funcionais.

Esta posição, embora partindo de formulações congêneres, parece concordar em essência, e até especificar em detalhe, a aproximação conceitual de Skinner quando afirma que... "O significado não é propriedade de uma resposta ou situação *em si*, mas das condições ou contingências responsáveis para que a resposta/estímulo aconteça", ...sendo um referente, ... "aquele aspecto do ambiente que exerce controlo sobre a resposta da qual se diz que é referente" (Skinner, 1957). Assim, e tecnicamente, o significado de um estímulo deve ser encontrado entre as variáveis independentes e não como uma propriedade da variável dependente, ou de outro modo, para que um organismo aprenda o que se designa por *significado de um estímulo*, aprendendo a ser discriminativo a alguns estímulos simples ou complexos, não-verbais e/ou verbais, implica que esse organismo se comporte discriminativamente face ao conjunto dos estímulos que

dão origem à discriminação do respectivo referente, dadas certas condições particulares de ocorrência das respostas.

Podemos então propôr-se que, *a constituição de duas respostas a dois estímulos consecutivos, onde o primeiro tem por função a discriminação das condições de ocorrência da primeira resposta, e a segunda resposta é, ela própria, dependente da função de discriminação do segundo estímulo como referente (a um objecto, acção, acontecimento, etc.) e dados um conjunto particular de estimulações consequentes condicionantes da probabilidade de emissão dessas respostas, delimitam as condições funcionais que permitem atribuir o que se designa por "significado" do primeiro estímulo, ou "organização semântica não-verbal" do estímulo considerado.*

Concebido a partir destes fundamentos, é possível enunciar a equação básica do estabelecimento de um processo de aquisição de significação não-verbal, ou de aquisição de uma discreta organização semântica não-verbal, tal como se expressa na figura 2.

$$S^{\wedge}vi\ 1 \rightarrow R^{\wedge}vi\ 1 \quad (S^{\wedge}vi1) \quad (S^{\wedge}vi2/ref) \quad (S^{\wedge}vi2/ref) \\ + R^{\wedge}vi2 \quad + R^{\wedge}mot \leftarrow .K\ C$$

Fig. 2 - $S^{\wedge}vi\ 1$ - 1º estímulo discriminativo visual ($S^{\wedge}vi\ 1$); $R^{\wedge}vi\ 1$ - 1ª resposta discriminativa visual no primeiro estímulo discriminativo ($S^{\wedge}vi\ 2/ref$); $R^{\wedge}vi2$ - 2ª resposta discriminativa visual no segundo estímulo discriminativo visual referente ($S^{\wedge}vi2/ref$); $R^{\wedge}mot$ - 1ª resposta discriminativa motora, ao segundo estímulo discriminativo visual referente; **K** - contingências do comportamento; **C** - consequência do comportamento

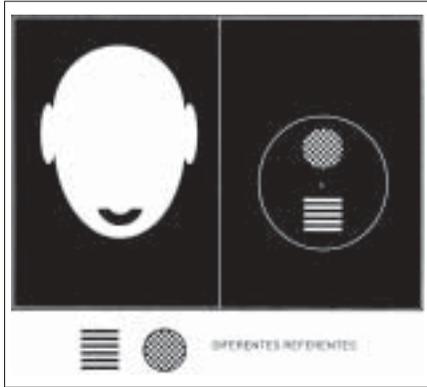


Fig. 3

A formulação acabada de enunciar foi operacionalizada no aparelho que resumidamente se expõe na figura 3.

No conjunto destes suportes conceptuais, deu-se avanço a uma investigação preparatória [suportada parcialmente pelo SNR (Programa *cite*)] e cujo pressuposto, discutido em Londres e Cambridge (MRC-Medical Research Center-Cognitive Developmental Unit), constituiu a primeira investigação psicológica sobre autismo em Portugal, constituindo-se como Tese de Doutoramento, defendida na Universidade do Minho (1997). Nessas experiências tentou-se basicamente comparar o desempenho de três amostras de população de pessoas com *S. Kanner* e com *psicoses* de Centros de Educação Especial em Lisboa, e de crianças *normais*, indiferenciadas ao mesmo nível de desenvolvimento de Inteligência Geral, Percepção Visual e Linguagem Receptiva.

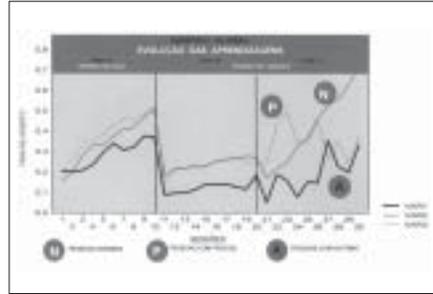


Fig. 4

Os primeiros dados foram francamente animadores, pois a comparação de valores anuncia diferenças significativas. A evolução geral dos dados recolhidos pode ver-se na figura 4, dando-se seguidamente um exemplo de uma das folhas de registo de dados na figura 5.

O que ressalta como essencial é que, conforme aconteceu a variação introduzida na variável independente, em três níveis de dificuldade, ou seja, a variabilidade dos *referentes* ou a sua inconstância, assim se tornou mais difícil o estabelecimento deste progressivo processo de organização semântica não-verbal para o grupo com autismo. Ou seja, se os *referentes* variassem, esse processo de organização estaria prejudicado, ou, de outro modo ainda, os estímulos não-verbais (neste caso), não se tornavam significativamente funcionais, para poderem designar algo.

Esta falha, resultante de uma disfuncionalidade do que se pode designar por "*unidades de organização semântica não-verbais*", e que poderia levar à não consolidação do signifi-

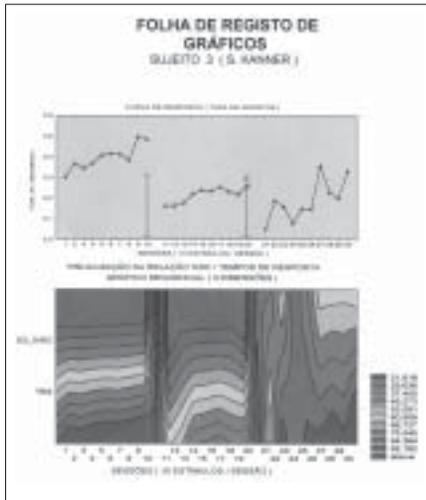


Fig. 5

cado de quaisquer estímulos, poderia ser, por essa razão a responsável pela tendência para a repetição, pela difícil organização de processos simbólicos coerentes, e desde logo, pelas dificuldades comunicacionais verbais e não-verbais das pessoas com autismo.

Inerentes a uma cada vez mais complexa não-organização ou (des)organização, estariam por implicação, sistemas e sub-sistemas organizados de respostas, na totalidade das operações cobertas, ou talvez a dificuldade de *coerência central*, nas palavras de Frith, problema que também levantou como sendo o mais importante e a partir do qual poderiam resultar todos os restantes déficits e áreas disfuncionais que referi.

Aliás, aquando de um desenvolvimento dito adaptado, pode dizer-

-se que os três níveis de significação parecem reunir-se num equilíbrio específico, integrando relações entre si, e de tal modo, que permitem uma pan-organização consistente, ou a potencialidade para os, e dos comportamentos de significação metafóricos; quasi um "sistema de significações", ou por excelência, em última instância, talvez a fase mais elevada de uma adaptação cognitiva ou evolutiva, no ser humano.

A importância da compreensão e do uso funcional da metáfora, organização complexa de relação entre estímulos discriminativos variados, tem vindo nos últimos anos a ser objecto de atenção aprofundada; essa importância está bem patente nas palavras de Gonçalves (1994): "...Pela metáfora damos sentido a cada uma das recordações que vamos experimentando sensorial, emocional e cognitivamente(...)"; através da metaforização está-se "capaz de produzir múltiplos significados para cada memória episódica (...)"; e, libertar narrativamente (pela metáfora), é também libertar para a construção de significações múltiplas". Também Kopp (1995), se lhe referia, lembrando que "...Podemos não conceber que os nossos conceitos abstractos dependem da metáfora, e que a metáfora é vital ao desenvolvimento e evolução da linguagem, e que mesmo a nossa construção da realidade está fundamentada na metáfora".

Efectivamente a metáfora introduz um sentido complexo ao indicar as semelhanças entre um tópico referente e uma estimulação provinda por

um qualquer ou todos os canais sensoriais, e foi reconhecida como o veículo principal para a mudança da linguagem e um aspecto essencial da cognição (Winner, 1988). É efectivamente o que este autor quer dizer, tocando nessa descrição a derivação que é possível perceber-se a partir da raiz etimológica da palavra grega, *meta* (para além de) e *phorein* (transportar), ou seja, a metáfora "carrega" significado de uma coisa ou domínio, para outra.

Parece pois que, nas pessoas com autismo se pode admitir os actos repetitivos, estereotipados, ligados a processos de significação sensorial, em discriminações operantes com referentes proprioceptivos; a deficitária construção das primeiras organizações pré-verbais e uso dos símbolos, estaria dependente de processos de significação referencial, potencialmente construídos com falhas de agrupamentos que impediriam a melhor progressão para as subseqüentes organizações, incluindo-se obviamente as metafóricas. Finalmente, as conseqüentes dificuldades de interacção social e/ou a dificuldade de estabelecimento de vínculos afectivos, em função de uma (des)organização de um já vastíssimo complexo de interacções organismo/meio, e também de uma (des)organização de si mesmos como pessoas, essa, demasiado incompleta; ou seja, talvez, os comportamentos típicos já enunciados no início, ou "o autismo".

Pode aqui retomar-se o sentido que Kanner poderia ter desejado referir: *Perturbação autista*, porque não

facilita à pessoa uma co-relação organizada, num mundo físico ou social "des-organizado", ficando-se limitado ou impedido de atender à multivariação do real; *Perturbação do contacto afectivo*, porque os afectos, as emoções, enquanto respostas complexas e multidependentes de todo o conjunto de sistemas e sub-sistemas de significação de natureza sócio-cognitiva (... e portanto relacional), estariam profundamente afectados e aparentemente incoerentes.

Num mundo real onde os referentes das diversas significações se tornam aleatoriamente alterados, porque tudo ou quase, acontece aí dinamicamente, especulo sobre a apreensão e o confronto difícil que aquele que sofre de autismo enfrenta, parecendo por isso exigir uma constante previsibilidade seja com os objectos do mundo físico, seja com os do mundo social, e em última análise, talvez um confronto difícil face a si mesmo, ou à paradoxal duplicidade da sua própria existência humana: Simultaneamente concreto no ser e estar, aqui e agora, único, inconfundível, irrepetível; simultaneamente subjectivo, abstracto, nas variações contínuas próprias do estar acontecendo, evoluindo num espaço/tempo infinitamente instável. Qual a solidez então desse *eu* como referente? Onde está o *referente de si próprio*? Não será este, talvez, um dos mais marcantes abismos de se sofrer deste síndrome?

Os dados que foram sendo recolhidos, permitem especular a possibilidade da identificação de áreas específicas do cérebro que, na operação

total das restantes funções, fossem as responsáveis directas pelos processos de organização semântica que se admitiram. A questão de estruturas anatómicas relacionadas com conteúdos semânticos foi já por diversas vezes referida (Fonseca et al, 1991), e através dela se deixa o sonho de que essa dimensão orgânica, para esses sistemas de organização complexa, possa ser um dia detectável.

Supõe-se que, à luz de um construto como o que se tentou esboçar, pelo menos em aspectos importantes do funcionamento das pessoas com autismo, conseguiu-se aproximar a um melhor entendimento da fenomenologia e modos de reagirem às diferentes situações; em particular a noção de que as pessoas com o síndrome, devido a essa potencial disfuncionalidade, operam mais facilmente e irão ficando mais funcionalmente dependentes de estimulações de natureza visual, no que respeita às suas relações com o meio ambiente.

Os esforços das investigações nos próximos anos, trazer-nos-ão, oxalá, em ambos os domínios biológico e psicológico, uma maior proximidade com esta perturbação avassaladora. Desejamos todos que esse tempo seja breve.

Abstract

This article gives comprehensive insights into the concept of autism and suggests the possibility of a better understanding using the construct of "semantic operants"; when faced with the challenges of autistic people, it is speculated that these behaviors can be

better understood as "communication" with a dysfunctional organization of meaning of stimuli.

The fundamental aim of the article is to understand in its basic points the "world of autism", encouraging educators and parents to get help, as early as possible, for a better prognosis.

BIBLIOGRAFIA

1. Baron-Cohen S. How to build a baby that can read minds: Cognitive mechanisms in mindreading. *Cahiers de Psychologie Cognitive* 1994; 13(5): 513-552.
2. Bettelheim B. *The empty fortress: Infantile autism and the birth of the self*. New York: Free Press 1967.
3. Bijou S, Baer D. *Child development I: A systematic and empirical theory*. New York: Appleton - Century - Crofts 1961.
4. Fonseca IB, Fonseca JB, Fonseca JL. As formas de onda de fenómenos eléctricos periódicos cerebrais como indicadores distintivos de características semânticas. *Actas das I Jornadas de Estudo dos Processos Cognitivos* 1991, (pp. 93-111), Sociedade Portuguesa de Psicologia Aplicada. Lisboa.
5. Frith U. *AUTISM - Explaining the Enigma*. Oxford: Basil Blackwell 1989.
6. Gonçalves OF. Hermeneutics, constructivism, and cognitive-behavioral therapies: from the object to the project. In R. A. Neimeyer & M. J. Mahoney (Eds.), *Constructivism in Psychotherapy* 1994, (195-230). Washington, D.C.: American Psychological Association.
7. Hermelin B. Coding and the sense modalities. In L. Wing (Ed.), *Early childhood autism* 1976, (2nd ed) (162-168), N.Y., Elmsford: Pergamon Press.

8. Hermelin B, O' Connor N. *Psychological Experiments With Autistic Children*. Oxford: Pergamon Press 1970.
9. Hobson RP. Beyond cognition: a theory of autism. In G. Dawson (ed.), *Autism: nature, diagnosis and treatment*, 1989; 11-13; 22-48. New York: Guildford Press.
10. Kanner L. Autistic Disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 1943; 2: 217-250.
11. Kopp R. *Metaphor Therapy – Using Client Generated Metaphors in Psychotherapy*. New York: Brunner/Mazel Publishers 1995.
12. Leslie AM, Frith U. Autistic children's understanding of seeing, knowing and believing. *Br J Developmental Psychol* 1988; 6: 315-324.
13. Lovaas OI, Schreibman L, Koegel R, Rehm R. Selective responding by autistic children to multiple sensory input. *J Abnormal Psychology* 1971; 77: 211 - 222.
14. Lovaas OI, Koegel RL, Schreibman L. Stimulus overselectivity in autism: A review of research. *Psychological Bulletin* 1979; 86: 1236-1254.
15. Nelson K. *Making sense-The acquisition of shared meaning*. New York: Academic Press 1985. (Versão Espanhola: El descubrimiento del sentido(1988). Madrid: Alianza Editorial).
16. Pereira EG. Perspectiva comportamental-analitica na terapia do autismo infantil. *Jornal de Psicologia* 1990; 9(3): 11 - 15.
17. Pereira EG. *Autismo: O Significado como Processo Central* 1999; (Livro nº 15). Lisboa: SNR.
18. Skinner BF. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century Crofts, 1957. (Edição Brasileira: O comportamento verbal (1978). S. Paulo: Editora Cultrix).
19. Waterhouse L, Lorna L, Spitzer R, Siegel B. Pervasive Developmental Disorders: From DSM-III to DSM-III-R. *J Autism and Developmental Disorders* 1992; 22(4): 525-549.
20. Wing L. The autistic continuum. In Wing L. (Ed.), *Aspects of Autism: Biological Research*. London: Gaskell and Royal College of Psychiatrists, 1988.
21. Winner E. *The point of words: Children's understanding of metaphor and irony*. Cambridge, MA: Harvard University Press 1988.